

Trilhando o meu caminho

Cláudia Teles Santana

Blumenau, Santa Catarina, Brasil

ctelessantana@gmail.com

Especialista em Metodologias para o ensino da Matemática e em Tecnologias para a Educação

Profissional

FAVENI/IFSC

Como pode um tema até então que era desconhecido te mover a seguir por um caminho sem volta? A Etnomatemática era esse tema, que desde a infância eu ansiava. Tive uma educação escolar tradicional e o amor pela Matemática surgiu quando eu estava sendo alfabetizada em casa pelo meu irmão. A minha alfabetização foi focada nas brincadeiras e objetos que eu já conhecia. A Etnomatemática propõe estudar a matemática que se desenvolve em diferentes contextos sociais e culturais, como com os povos indígenas, artesãos, quilombolas, observando a sua produção artesanal, pesca, construções. Então comecei a observar ao meu redor, a minha realidade. A curiosidade que eu tinha quanto a esse lado da matemática, o de respeitar os saberes preexistentes, era o que me motivava. Por eu ter facilidade com cálculos e compreender que tudo é matemática, buscava ajudar os colegas de sala ensinando-os quando não compreendiam direito o que o professor tinha ensinando. Ensinar é uma boa forma de aprender de fato um conteúdo. Eu questionava o motivo da dificuldade dos meus colegas de sala com a disciplina e por algum tempo não achava resposta. Entrei na adolescência, fiquei jovem, adulta e só depois, sendo professora pude entender essa defasagem. A questão era: o que poderia ser feito para mudar essa realidade?

Alguns recortes entre a minha infância, adolescência e vida adulta serão feitos no decorrer dessa crônica. Quando era adolescente via o meu tio, não foi alfabetizado e conseguiu o seu sustento através do seu trabalho, ofício que aprendeu com os seus antepassados. Ele produzia beiju, farinha e pé de moleque, eu gostava de acompanhar todo o processo. Ele arava uma área da terra, plantava mandioca, cuidava dessa plantação, colhia, fazia todo o processo de limpeza, produzia o beiju, a farinha, o pé de moleque. Ele

tinha uma barraca na feira para vender esses produtos, dava o preço desse produto, sabia exatamente o quanto ele gastou pela produção e o quanto ele lucraria com a venda daquela quantidade produzida, passava troco. Sem falar que ele quem construiu a chamada “casa de farinha”, que é o local onde ele conseguia realizar a sua produção, com forno e toda estrutura necessária para a produção em massa. Sabia exatamente os dias em que conseguia ter a maior quantidade de vendas. Só fazendo uma breve análise, ele entendia de geometria e seus cálculos, estatística, regra de 3, probabilidade, matemática financeira, porcentagem e estatística. A pergunta vinha à minha mente, como pode uma pessoa nunca ter ido à escola e conseguir realizar tudo isso? Todos os cálculos? E só mais tarde eu pude entender o porquê. Esse é um só exemplo de vários que passei a observar. Mostra que a matemática vai além da complexidade demonstrada nos livros, ela é viva, diversa e presente na cultura de cada povo.

Como estudante da Licenciatura em Matemática e professora recente fui instigada a buscar estratégias de ensino para driblar a dificuldade de aprendizagem desse componente curricular em sala. Foi na sala de aula que descobri que a Matemática é a matéria mais temida e odiada pelos estudantes, muitas vezes por eles não conseguirem perceber a sua aplicabilidade no cotidiano ou por seu ensino ser basicamente tradicional, muitos professores acreditam que no ensino de matemática não precisa ter criatividade, não precisa utilizar diferentes instrumentos de avaliação. Como amante da Matemática, era frustrante ver estudantes desestimulados e acreditando que essa ciência, base de todas as outras, só servia para complicar a vida escolar deles. Essa é uma realidade de muitos e eu tinha duas opções: ou dar a minha aula tradicional e fingir que isso não me atingia, ou buscar diferentes formas para demonstrar que o discente estava errado na sua percepção. Optei pela primeira opção inicialmente, mas me sentia insatisfeita e fui buscar novos conhecimentos e foi assim que eu conheci o saudoso professor Ubiratan, suas obras, seus vídeos, seu legado de vida me alegrou muito, e os meus anseios finalmente tiveram nome e passei a não me sentir só na luta por uma educação significativa para os meus estudantes. Uma das maneiras que encontrei para driblar essa realidade amarga da matemática junto

com os estudantes é trabalhar o conteúdo do currículo juntamente com a sua história, contextualizando a realidade deles, tentando fazer com que eles compreendam que o conhecimento acadêmico é bom, mas é o meio e não o fim. Compreendam também que em muitas situações cotidianas a matemática está presente, mesmo que de forma “invisível”.

A Etnomatemática entrou na minha vida para ressignificar o que é ensinar de forma mais significativa, mais humana e mais realista. Cada ano que passa, cada experiência em sala de aula me torna mais apaixonada e mais estimulada a encontrar mecanismos que auxiliem os estudantes e façam com que eles expandam o conhecimento matemático que foi responsável pelo desenvolvimento da nossa sociedade da melhor forma possível. A grande questão é achar apoio para desenvolver as práticas pedagógicas, pois muitas vezes a busca pela excelência no que se faz é um caminho muito solitário. Quando encontro dificuldade em desenvolver alguma prática que julgo essencial para o processo de ensino e aprendizagem eu lembro da frase que sussurra em meu ouvido: “Seja insubordinada criativa”, conselho do saudosismo professor Ubiratan que me motiva a não desistir diante das adversidades e a buscar incansavelmente pela excelência e responsabilidade de ser professor. Essa frase do professor Ubiratan veio para mostrar que quando o foco é na aprendizagem do discente vale a pena cada esforço. Essas palavras do professor irão me acompanhar neste caminho que eu escolhi percorrer. Esse campo de estudo veio para provar que existem diferentes habilidades e uma não se sobrepõe a outra. Não tem como quantificar os saberes de um indivíduo pois somos diversos e essa diversidade é plural.

Trilhando o meu caminho

Following my path

Recorriendo mi camino

Resumo

Essa crônica traz reflexões sobre a Etnomatemática que está tão presente no nosso dia a dia e muitas vezes parece invisível. Ela está implícita na cultura de cada povo que habita esse mundo. Serão feitos recortes entre diferentes etapas da vida da autora refletindo sobre as suas vivências, suas práticas, frustrações e anseios. Ela recordará momentos em que passou a ser curiosa com o objeto de estudo em questão e essa curiosidade a moveu a trilhar o caminho que está hoje.

Palavras-chave: Etnomatemática. Cultura. Vivências. Reflexão. Educação.

Abstract

This chronicle brings reflections on Ethnomathematics, which is so present in our daily lives and often seems invisible. It is implicit in the culture of each people who inhabit this world. The article will focus on different stages of the author's life, reflecting on her experiences, practices, frustrations and desires. She will recall moments when she became curious about the object of study in question and this curiosity led her to follow the path she is on today.

Keywords: Ethnomathematics. Culture. Experiences. Reflection. Education.

Resumen

Esta crónica trae reflexiones sobre la Etnomatemática, tan presente en nuestra vida cotidiana y a menudo parece invisible. Está implícito en la cultura de todos los pueblos que habitan este mundo. Se realizarán recortes entre diferentes etapas de la vida de la autora, reflexionando sobre sus vivencias, prácticas, frustraciones y deseos. Recordará momentos en los que sintió curiosidad por el objeto de estudio en cuestión y esta curiosidad la movió a seguir el camino que hoy recorre.

Palabras clave: Etnomatemáticas. Cultura. Experiencias. Reflexión. Educación.